

Resenha:

BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e política agrícola no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.¹

Paulo Tiago Cardoso Campos Correio

Professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Campus de Florestal. Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
E-mail: paulotccampos@gmail.com

O livro objeto da presente resenha apresenta a evolução do setor agropecuário brasileiro desde o início do Século XIX até a atualidade. Especialmente com relação ao período posterior a 1930, o autor analisa diversos fatos referentes ao setor e instrumentos de política econômica genéricos e também os específicos de política agrícola que afetaram a agropecuária, sempre com desenvoltura, clareza e amparo em dados exibidos em tabelas e gráficos. É característica do texto a sua fluidez, atualidade e a relação que o autor estabelece com a experiência internacional, além da articulação que realiza entre os capítulos, remetendo o leitor aos já lidos ou a um próximo capítulo.

O primeiro capítulo estabelece os conceitos-chave a serem empregados no restante da obra, como os de agropecuária e agronegócio, e as medidas da atividade econômica – PIB a preços de mercado e a custo dos fatores – e mais tarde mostra a importância relativa da agropecuária e do agronegócio na economia brasileira. O agronegócio brasileiro representa cerca de 22% do PIB em 2010), e os estados e as regiões brasileiras de maior participação do agronegócio são Sul e Centro-Oeste, e a Nordeste apresenta certo aumento dessa participação, considerando o período entre

¹ Carlos José Caetano Bacha é formado em Economia pela UFMG e Doutor em Economia pela USP, com Pós-Doutorado em Economia pela University of Illinois at Urbana-Champaign (EUA). Tem o título de Livre-Docente pela ESALQ/USP, onde é professor titular de Teoria Macroeconômica e Economia e Política Agrícola.

1995 e 2004. Este mesmo capítulo mostra também que a participação da agropecuária no PIB decresce com o crescimento da renda per capita, de acordo com a experiência internacional (foi o caso da Alemanha, para citar um exemplo indicado pelo autor).

O segundo capítulo trata do papel da agropecuária no desenvolvimento econômico, e é concluído com uma exposição acerca das funções da agropecuária no desenvolvimento econômico, destacando-se sua clássica função de provedora de alimentos, fornecer matérias-primas para o setor industrial, gerar divisas via exportações, fornecer mão de obra e ser um mercado para o setor industrial, no último caso referente aos bens de capital. E finalmente pode exercer a função de fonte de transferência de capital para outros setores, como ocorreu no Brasil nos anos 1950.

O terceiro capítulo expõe os instrumentos de política econômica que afetam a agropecuária, tanto os macroeconômicos (políticas fiscal, monetária, cambial, de rendas e comercial), quanto os setoriais, específicos da agropecuária. De forma muito articulada e didática, Bacha expõe esses instrumentos específicos e os relaciona com os macroeconômicos, inclui dados bastante atualizados e sempre que possível compara com a experiência internacional. Além disso, resgata elementos históricos em cada um deles, indicando as alterações que os instrumentos sofreram ao longo do tempo, os motivos de sua continuidade ou não, suas virtudes e fragilidades, enfim, o autor realiza uma análise muito bem feita a respeito do tema. Também coloca, de forma muito didática, fórmulas e tabelas e convida o leitor a obter resultados de cálculos e/ou concluir o preenchimento de algumas células das tabelas, o que confere um caráter interativo e didático ao texto.

No capítulo 4 o autor explicita a relação entre a cafeicultura e os primórdios da industrialização do Brasil. A periodização histórica da cafeicultura é feita em quatro períodos, entre o final da terceira década do Século XVIII e a terceira do Século XX, nesta última é quando de fato ocorreu o que Celso Furtado chama de deslocamento do centro dinâmico da economia brasileira, ou seja, tal centro passa a ser a indústria e não

mais a exportação de café². Bacha expõe os fatores determinantes da expansão da lavoura de café no Brasil, inicialmente a partir do Rio de Janeiro (entre a primeira e a sétima década do Século XIX), e depois em São Paulo (último quartel do Século XIX). O mercado consumidor criado a partir do trabalho assalariado e o processo de transferência de capital, tanto a direta (cafeicultores que eram, muitos deles, também industriais) e indireta (via gastos públicos oriundos da tributação da exportação de café), são fatores cruciais e que estão por trás do processo de industrialização³. Em que pese a polêmica em torno do tema do presente parágrafo, Bacha ressalta que é patente a relação da cafeicultura com a industrialização do Brasil.

Os capítulos 5 a 8 cobrem a evolução da agropecuária desde o primeiro governo Vargas até a atualidade. Com desenvoltura e recursos ilustrativos, assim como análises rigorosas, Bacha mostra a maneira como os governos entre o início dos anos 50 e meados dos anos 60 priorizaram a indústria e fizeram uso de mecanismos de transferência de capital, como através da política cambial, da agropecuária em favor da indústria. O final dos anos 60 marca o esgotamento dessa transferência, e uma tentativa de revigorar a agropecuária por meio de uma série de instrumentos de política agrícola, especialmente crédito subsidiado e programa de preços mínimos, que dura até os anos 80. Nestes últimos, em face da inflação e da crise fiscal do Estado brasileiro, a agropecuária recebe o impacto de redução dos recursos para os programas de estímulo, como os citados, assim como para a pesquisa e extensão rural. Na segunda metade da década de 1980 até a atualidade, a agropecuária brasileira teve aumento de produtividade, tanto em culturas de exportação quanto nas voltadas para o mercado interno, profissionalização dos agricultores e ampliação do uso de máquinas e fertilizantes. No caso das culturas de exportação, estas se beneficiaram da elevação dos

² Furtado desenvolve uma exposição a respeito desse deslocamento no capítulo 32 da sua obra *Formação econômica do Brasil* (FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

³ Ver, a respeito desse tema, MELLO, Z. M. C. *Metamorfoses da riqueza – São Paulo, 1845-1895*. São Paulo: Hucitec, 1985) e FONSECA, P. C. D. *Vargas – o capitalismo em construção*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

preços internacionais, impactando em que tais culturas são parte dos itens que mais geram saldo comercial externo ao Brasil.

O penúltimo capítulo trata da evolução da estrutura agrária brasileira. O autor aponta que o binômio latifúndio-escravidão vigiu até fins do Século XIX, e mesmo com a abolição da escravatura em 1888, permaneceram precárias relações de trabalho até 1964, quando o Estatuto do Trabalhador Rural disciplinou essas relações e se constituiu num importante marco para o mercado de trabalho agrícola, uma vez que concedeu aos trabalhadores direitos e benefícios da CLT. Outro aspecto é que dados históricos, que incluem os do Censo Agropecuário de 2006, mostram que os 5% maiores produtores abrangem cerca de 2/3 da área dos estabelecimentos e imóveis rurais, enquanto que os 50% menores abrangem 2,6% dos estabelecimentos e 4% da área dos imóveis rurais. Tal concentração é maior no Nordeste e menor no Sul, no último caso com destaque para Santa Catarina. A agropecuária tradicional se concentra no Nordeste, e a moderna e desenvolvida, no Centro Sul (Sul e Sudeste), e o destaque mais recente é a expansão da fronteira agrícola no Centro Oeste e no Norte do País (Amazônia).

O capítulo final apresenta sínteses, conclusões do livro e apresenta perspectivas para a agropecuária brasileira. Uma característica geral do livro é a atualidade dos dados e a objetividade da exposição, com linguagem acessível conservando o rigor. A leitura fica muito interessante quando feita em conjunto com obras dos autores citados na presente resenha (Furtado, Mello, Baer, Bresser-Pereira), com artigos publicados na *Revista de Política Agrícola*, da Embrapa, dentre outros. Tais fontes expandem, confirmam e enriquecem a leitura e a compreensão do tema desenvolvido no livro aqui resenhado, fundamental para a compreensão da evolução histórica e a atualidade da agropecuária brasileira. Portanto, obra de qualidade e leitura recomendável para conhecimento, utilização em aulas de graduação e pós-graduação, e em atividades de pesquisa e atualização profissional.